

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE JORNALISMO

CAIO HENRIQUE SALGADO BARBOSA
FRANCISCO RAFAEL MONTEIRO DE REZENDE

**RELATÓRIO DE TRABALHO EXPERIMENTAL: REVISTA
SUPERFLIT**

GOIÂNIA - GO
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE JORNALISMO

CAIO HENRIQUE SALGADO BARBOSA
FRANCISCO RAFAEL MONTEIRO DE REZENDE

RELATÓRIO DE TRABALHO EXPERIMENTAL: REVISTA SUPERFLIT

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Tropicália, Jornalismo de revista, Divulgação de pesquisa,

Orientadora: Prof.^a Ms. Rosana Maria Ribeiro Borges.

Goiânia
2009

CAIO HENRIQUE SALGADO BARBOSA
FRANCISCO RAFAEL MONTEIRO DE REZENDE

**RELATÓRIO DE TRABALHO EXPERIMENTAL: REVISTA
SUPERFLIT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, aprovado em ____/06/2009, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a Ms. Rosana Maria Ribeiro Borges – Professora Orientadora –
Universidade Federal de Goiás

Prof. Pablo Kossa – Professor Convidado

Nota: _____

Agradecimentos

Aos colaboradores por terem acreditado no nosso projeto, dedicado tempo e trabalho para a execução dos excelentes produtos aqui compilados. Agradecimento especial para Fausto Borges, Vinicius Vargas, Giuliana Villavisencio, Henrique Monducci, Victor Creti, Taiana Renata, Vitor Abranche, Kunihi Suga, Rafael Barbosa, Raisal Ramos, Lara Vaz, Pedrinho, Nãyna, Aroeira e Ícaro, cuja casa foi onde tudo começou. Queremos agradecer também às nossas famílias, a todos que ajudaram neste projeto, seja com idéias ou apoio. À professora Rosana que Arrasa, pelo bom tratamento e pelo imenso auxílio, dedicação e paciência. Não podemos esquecer também outras pessoas que compartilharam do nosso entusiasmo com a tropicália e/ou estiveram presentes em todos os momentos, Japa, Kelly, Nê, Rê, Ju, Gi, Jô e Gu Martins.

RESUMO

Este texto tem por objetivo relatar o processo de produção da revista *Superflit*. Por meio desta revista, objetivamos registrar a importância do tropicalismo, numa tentativa de inovar a abordagem, a forma e a apresentação do tema, discutindo diversos tópicos que, de alguma maneira, estão relacionados ao movimento.

Palavras-chave: Tropicalismo. Revista. Forma. Microzine.

SUMÁRIO

1. A REVISTA.....	7
1.1. OBJETIVOS.....	8
2. CONCEPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA REVISTA.....	9
2.1. A TROPICÁLIA.....	10
2.2. AS REVISTAS NO BRASIL.....	12
2.3. AS MICROZINES.....	15
3. DESCRIÇÃO DA SUPERFLIT.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5. BIBLIOGRAFIA.....	22

1. A REVISTA

A idéia inicial da revista surgiu em um encontro informal na casa de um amigo próximo. À época, perdidos quanto ao tema do trabalho de conclusão do curso e notava-se um sentimento de angústia pela falta de perspectivas. Nesse clima de desconforto, surgiu algum plano em conjunto, que seria feito coletivamente. No mesmo instante, o tema tropicália foi o primeiro cogitado e imediatamente acatado.

Dessa primeira conversa, já apareceu na discussão um dos aspectos mais fundamentais daquilo que veio ser a revista: o envolvimento dos amigos da universidade. A partir de então foram listados oralmente os amigos, que já estavam bastante interessados no tropicalismo. A lista cresceu com facilidade e foi perceptível como eram diversas as possibilidades de abordagem desse tema, que há alguns meses vinha fazendo a cabeça de pessoas da universidade de diferentes áreas do pensamento.

Os convites foram feitos e todos receberam com entusiasmo. A partir desse momento, notou-se que a revista poderia contribuir para a divulgação de pesquisas que os estudantes fazem na graduação. Essa nova percepção fez surgir uma nova concepção da revista e redefinir o seu formato. Então ficou decidido que o projeto seria algo pouco convencional para o contexto do trabalho, sendo quase a totalidade da revista ocupada por artigos de estudantes que pesquisam o tema de alguma forma, em detrimento dos gêneros comuns ao jornalismo cultural.

Já conscientes dessa nova proposta do projeto, houve uma nova conversa com os colaboradores para a “encomenda” dos artigos, deixando-os livres para recortarem o tema como quisessem. Na mesma ocasião, ficou marcada também uma data de entrega dos textos. Pouco tempo depois, já estava confirmado quais seriam os trabalhos a ser publicados. Victor Creti, da História, relacionaria tropicália e a televisão; Vinicius Vargas, da Faculdade de Letras, abordaria a ambivalência no tropicalismo; Taiana Martins, da Faculdade de Ciências Sociais, faria sobre a peça O Rei da Vela, de Oswald Andrade; Kunihi Suga, da Engenharia Elétrica, falaria sobre o “Quarto” mutante, mais um dos irmãos Baptista, que também teve bastante relevância para a carreira da banda Os Mutantes; Fausto Borges, do Jornalismo, analisaria o Cinema Marginal; Rafael Barbosa, da Ciências Sociais da UNB,

discorreria sobre a tropicália e a formação social do Brasil; Giuliana Villavisencio, da Moda, faria um editorial de moda inspirado no tema.

Algum tempo passado após todos começarem a escrever suas incumbências, dois novos parceiros se juntaram ao grupo: Henrique Monducci, da Moda, que entrou como nosso diagramador e Vitor Hugo Abranche, mestrando da História, que colaborou com um artigo do tema do seu mestrado: a contracultura na obra musical de Torquato Neto.

Ao final, depois de terminada a parte do conteúdo da revista, reuniuram-se todos os textos, as fotos, que foram submetidos à orientação e mandadas para a diagramação.

1.1. OBJETIVOS

A *Superflit* tem como objetivo difundir e gerar conhecimento a cerca da Tropicália com enfoque em abordagens diferenciadas do que normalmente é estudado quando se tem como objeto de análise esse movimento e todo o contexto histórico e social que o envolve. Para tanto, buscou-se a máxima participação, colaboração e integração de outros acadêmicos de diversas no processo de elaboração da revista.

O formato da revista também busca uma fuga dos padrões convencionais. A diagramação é realizada de modo a expressar artisticamente o conceito da revista com o uso de ilustrações feitas exclusivamente para o projeto. Houve um estudo e proposição de novas possibilidades para as disposições visuais e textuais em uma revista, fugindo dos padrões das revistas ligadas à comunicação de massa estabelecida.

O projeto também tentou pesquisar outras publicações semelhantes à proposta, buscando uma compreensão mais aprofundada acerca do tema.

2. CONCEPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA REVISTA

Muito estudada e falada como uma grande revolução nas artes brasileiras, a Tropicália sem dúvidas representou um dos momentos mais importantes vividos pelo Brasil no século passado. Com o nome inspirado diretamente no movimento, no esculacho de Caetano Veloso em *Superbacana* e também no *merchandising* do ídolo Chacrinha, a *Superflit* busca, sem pretensão heróica alguma, uma abordagem diferenciada. Tanto na escolha dos seus assuntos, quanto na disposição de seu conteúdo em forma de mosaico.

Pensada como um recorte de parte da complexidade e abrangência daquilo que veio a ser chamado como Tropicália, a revista *Superflit* em momento algum teve a pretensão de dar conta de toda a história do “movimento”. Nem ao menos tem o objetivo de mastigar o conteúdo e todos os detalhes históricos comumente abordados em jornais e revistas convencionais, os quais vez ou outra repetem sobre o contexto histórico do surgimento e as mudanças causadas pelo grupo dos baianos e todos os outros envolvidos com o tropicalismo.

Obviamente, em alguns momentos esse projeto experimental acaba por responder as mesmas perguntas de outras publicações do jornalismo convencional. Entretanto, aqui isso acontece através da compreensão e leitura da revista como um todo, e não através de descrições cronológicas. Ao invés de partir para o tipo de abordagem normalmente utilizada nas matérias jornalísticas para revistas, a *Superflit*, além de fazer uso dessa linguagem em alguns momentos, resolveu trazer além das resenhas, reportagens e entrevistas, artigos científicos e ensaios de diversos colaboradores.

Nesse sentido, aqui estão reunidos trabalhos que são frutos de estudos de parte das diversas áreas do conhecimento (História, Ciências Sociais, Comunicação, Letras, Design de Moda e Engenharia). Unidos por um interesse comum na reviravolta artística brasileira iniciada no final dos anos 70, estudantes de graduação e pós – graduação cederam ou produziram conteúdo para a *Superflit*. A miscelânea de interesses demonstra a abrangência das ações tropicalistas e acaba por si só sendo uma das justificativas para a existência desse projeto.

Comportar uma idéia que mistura linguagens textuais como o que acontece aqui não é tão simples. Portanto, o formato da revista clamou por uma atenção especial e brinca com as possibilidades na disposição de seus elementos gráficos e textuais em toda sua variedade de estilos e tamanhos. Buscamos assim nas Microzines as possibilidades para a convivência harmônica de pequenas resenhas com trabalhos publicados na íntegra.

2.1. A TROPICÁLIA

Revolucionária a partir de sua concepção artística livre de qualquer preconceito, a Tropicália mudou significativamente o mundo das artes ao trazer em si a coragem de entrar em todas as estruturas. Sem medo de brincar com idéias e concepções pré-estabelecidas, seja pela esquerda ou pela direita, os Tropicalistas reinventaram mais uma vez o cinema, as artes plásticas, o teatro e a moda. Porém, o que mais chamou atenção para a realização desse projeto experimental, foram as influências do movimento para o universo que gira em torno das canções.

Em seu livro *Tropicália: Alegria, Alegria*, Celso Favaretto entende que, enquanto, no Brasil, as diversas artes já haviam se redescoberto e se reinventado como tal, em várias ocasiões – a exemplo do movimento que constitui o Cinema Novo – a canção só conseguiu alcançar o mesmo status através dos primeiros momentos tropicalistas, perceptíveis mais claramente em *Alegria, Alegria* e *Domingo no Parque*.

A novidade – o moderno de letra e arranjo -, mesmo que muito simples, foi suficiente para confundir os critérios reconhecidos pelo público e sancionados por festivais e crítica. (...) pela primeira vez, apresentar uma canção tornava-se insuficiente para avaliá-la, exigindo-se explicações para compreender sua complexidade. Impunha-se, para crítica e público, a reformulação da sensibilidade, deslocando-se assim, a própria posição de música popular, que, de gênero inferior, passaria a revestir-se de dignidade – fato só mais tarde evidenciado. (FAVARETTO, 2000, p. 20)

Ao mesmo passo em que a revolução tropicalista tornava a música popular mais complexa, ela incluía procedimentos semelhantes à montagem cinematográfica, entre outros, na *Geléia Geral* de suas canções. Favaretto ainda contempla na mesma obra essa questão, fato comprovado pela contracapa do disco manifesto *Tropicália ou*

Panis et Circenses. Idealizado por Caetano Veloso juntamente com Gilberto Gil, o álbum reuniu praticamente todos os representantes do movimento e tinha sua explicação na parte de trás LP no formato de um roteiro cinematográfico.

Essa capacidade e coragem tropicalistas de misturar vários elementos em um caldeirão e redescobrir a canção, assim como as outras artes, além de inspirar a existência dessa revista, os artigos presentes na mesma, e também diversos outros estudos, é, por si só, uma grande influência para a miscelânea de estilos textuais em uma só publicação. Desde seu princípio aquilo que viria a ser *tropicália* nasceu de uma interlocução constante de linguagens artísticas. Em seu texto *Tropicalismo, antropologia, mito, ideograma*, escrito em 1969 e publicado no livro *Revolução do Cinema Novo*, o cineasta Glauber Rocha – cujo filme *Terra em Transe* deu um dos primeiros passos tropicalistas – analisa o princípio do movimento e sua abrangência:

Consideramos como início de uma revolução cultural no Brasil o 1922 (...) Deste período o expoente principal foi Oswald de Andrade. Seu trabalho cultural, sua obra, que é verdadeiramente genial, ele definiu como antropofágica, referindo-se à tradição dos índios canibais. (...) Como esses comiam os homens brancos, assim ele dizia ter comido toda cultura brasileira e aquela colonial. Morreu com pouquíssimos textos publicados. Jose Celso Martinez, que dirige o Teatro Oficina, o mais importante grupo da vanguarda teatral, descobriu o texto *Rei da Vela*, e montou o espetáculo. Foi uma verdadeira revolução: a antropofagia (ou o tropicalismo, também chamado assim) apresentada pela primeira vez ao público brasileiro provocou grande abertura cultural em todos setores. (ROCHA, 2004, p. 150)

A análise de Glauber Rocha acaba ressaltando um aspecto interessante ao tratar a antropofagia oswaldiana não como uma das influências da *Tropicália*. Fica evidente o tratamento do movimento como um resgate da proposta feita por Oswald de Andrade na década de 20. Glauber inclusive os trata como sinônimos. Esse antropofagismo, pegando o exemplo da música tropicalista, como defende Favaretto, não é evidente apenas na mistura de elementos do pop psicodélico e da música erudita de vanguarda com Beatles, Bob Dylan, jazz e bossa nova. Além disso, o autor trata da capacidade de incluir corpo, voz, roupa, letra e dança nessa brincadeira. Algo até então inédito.

Para chegar a esses resultados, Caetano Veloso, por exemplo, se utilizou antropofagicamente de elementos de outras artes. Em *Tropicália – História de uma Revolução Musical*, Carlos Callado narra como o músico sofreu influências de *Terra em Transe* em sua caminhada até o tropicalismo (fato reafirmado pelo próprio cantor

em seu livro *Verdade Tropical*). Outra grande referência acabou sendo a instalação penetrável *Tropicália* do artista plástico Hélio Oiticica. A obra foi vista pelo baiano na exposição Nova Objetividade no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1967). Na mesma “temporada carioca” onde Caetano entrou em contato com o longa-metragem de Glauber. A obra de Oiticica também foi inspiração para o nome, música e letra de uma das primeiras canções tropicalistas e também para a denominação do próprio movimento.

Apesar ter assistido a montagem do Oficina para o *Rei da Vela* uma semana depois de compor *Tropicália*, já sobre outras influências, em uma conversa transcrita com Gilberto Gil e Augusto de Campos, publicada em seu livro *Balanço da Bossa*, Caetano Veloso ressalta para Augusto a influência oswaldiana e também da peça dirigida por José Celso:

Acho a obra de Oswald enormemente significativa. Fiquei impressionado, assustado mesmo, com aquele livro de poemas dele que você me deu (...) Só conheço de Oswald esse livro e o *Rei da Vela* (...) Fico apaixonado por sentir, dentro da obra de Oswald, um movimento que tem a violência que eu gostaria de ter contra as coisas da estagnação, contra a seriedade. (CAMPOS, 1968, p. 192)

Se a tal violência contra a estagnação ou seriedade ainda não fazia parte das composições de Caetano e dos outros tropicalistas, ou ainda não era forte o suficiente, para Favaretto ela foi bastante utilizada em diversos procedimentos que faziam uso elementos *kitsch* em um contraponto às canções de compositores alinhados politicamente com a esquerda, a exemplo de Geraldo Vandré. Visualmente a moda tropicalista, as artes plásticas e as capas de disco, se inspiraram nesse deboche e começaram a aparecer cheias de cores, tipicamente brasileiras ou não, às vezes inspiradas na art pop.

Nesse sentido, a mesma pintura, que de acordo com o artigo *O movimento tropicalista e a revolução estética* organizado por Arnaldo Daraya Contier, influência na música com suas cores psicodélicas, é a grande referência para a composição visual da revista *Superflit* e também das ilustrações feitas. As cores são fortes, tropicais, com referências pop e psicodélicas.

2.2. AS REVISTAS NO BRASIL

Conhecidas por seus textos e assuntos leves, muitas e belas imagens e pelos projetos gráficos suaves, destinados também ao fácil entendimento, as revistas surgem no Brasil baseadas na ilustração em um formato bem próximo do que podemos encontrar hoje. As principais diferenças dessa época com a situação atual desses tipos de publicações eram os textos. Até meados da década de 40 eles pouco se diferenciavam dos escritos normalmente encontrados em jornais diários e eram estritamente direcionados à notícia. Em seu livro *A comunicação do grotesco*, o autor Muniz Sodré analisa criticamente estes periódicos e trata da situação rudimentar nesse período.

Descrevendo a paginação como rudimentar e baixa qualidade das fotos, Sodré, em seguida, explicita a revolução causada no Brasil pelo surgimento da revista *O Cruzeiro*, que, antes de tudo, chamava atenção pelas grandes reportagens ilustradas e dinâmicas:

Para um público ainda não saturado pelos veículos de massa, ler *O Cruzeiro* era redescobrir semanalmente o mundo, e sempre de modo aventuroso ou sensacional: índios hostis, discos voadores, escândalos políticos ou de ídolos populares, excursões proibidas na Argentina peronista, crimes misteriosos, etc. A simples informação documentária (saunas finlandesas, pescadores de esponjas no Japão, etc.) era capaz de empolgar o público. E o mesmo ocorria com relação a assuntos menores, como os *velhinhos da Colombo* (que se transformou em marcha carnavalesca), as estátuas do Rio, a escola para cães de raça, etc. (SODRÉ, 1985, p. 41)

A partir de *O Cruzeiro*, as revistas começaram a alcançar de vez as características atuais citadas acima e um plano de consumo bem estruturado a partir do “novo”, fantástico ou simplesmente algo comovente. Tudo isso já predominava em relação a qualquer outro aspecto. Porém, esse processo de amadurecimento parece ter chegado ao seu final com o nascimento da revista *Manchete*. De acordo com Sodré, aqui sim se pode encontrar uma estrutura moderna dentro desse tipo de periódico. A impressão é de alta qualidade, as fotografias são bem trabalhadas e se percebe uma ideologia publicitária bem definida. Seguindo a mesma trilha a *Realidade* demonstra em uma única capa ser um bom exemplo disso tudo:

O número 6 da revista *Realidade* tinha na capa um rosto de mulher semi-coberto por um véu, no qual se viam apenas um olho e uma lágrima. Foi um sucesso de vendagem. Mais tarde, entre as cartas de leitores recebidas pela revista, havia uma que dizia: ‘A lágrima do rosto da capa de setembro é tão perfeita que vi uma garotinha tentando enxuga-la’. A história é contada pela própria revista, sendo provável que a carta tenha saído da imaginação de um de seus redatores, mas fornece uma indicação valiosa quanto a um critério editorial e seu efeito. A foto foi escolhida para capa, apenas porque era bonita, passível de boa impressão, relaxante. E toda uma reportagem pode ter sido escrita apenas para justificar a fotografia. (SODRÉ, 1985, p. 48)

Sodré ainda analisa as constantes temáticas das revistas, todas elas girando em torno dos padrões, mencionados por ele e descritos aqui. Entre eles, o de maior interesse nesse trabalho é o primeiro a ser exposto em *A comunicação do grotesco: artes e literatura*. De acordo com o autor, quando esses periódicos vão abordar esses assuntos o foco são os intelectuais em voga ou aqueles que foram recentemente premiados. Tratados como deuses, esses artistas, através do intermédio jornalístico, se aproximam do público leitor e normalmente se ressaltam aspectos, obviamente existentes, que aproximem esses seres “extraordinários” aos homens comuns.

Por se tratar de um projeto experimental, a revista *Superflit* não tem em seus objetivos e necessidades a vendagem de milhares de seus exemplares. Tampouco existe interesse na venda de anúncios publicitários, que acabam por figurar entre os principais motivos para a dada situação das revistas estudadas aqui ou qualquer outro tipo de periódico impresso.

Porém, os interesses publicitários e mercadológicos fizeram surgir em 1960 no Brasil o fenômeno da segmentação, analisado por Marília Scalzo no livro *Jornalismo de Revista*. Pensadas como um veículo para a venda direta de idéias ou produtos específicos, essas revistas seguiram os caminhos abertos pelo fortalecimento de diversos tipos de indústria no Brasil:

No final da década de 1950 e na década de 1960, as revistas, já conhecidas como bom veículo para a publicidade, acompanharam muito de perto o desenvolvimento da indústria. Começa a se delinear ali (...) as revistas técnicas segmentadas. Com o crescimento da indústria de fios e tecidos, surgem as revistas de moda. Em 1960, acompanhando o surgimento da indústria automobilística e a construção de estradas no Brasil, é lançada *Quatro Rodas*. (SCALZO, 2003, p. 33)

Mesmo com objetivos divergentes ao da produção da *Superflit*, a segmentação, por outro lado, ao resultar no foco em assuntos mais específicos acabou atingindo uma qualidade maior de sua informação em uma linha editorial mais interessante e aprofundada em seus temas propostos. Nesse sentido, dificilmente outra escolha editorial, conseguiria aprofundar mais sobre qualquer assunto. No caso deste projeto, há uma segmentação ainda maior do que normalmente se encontra nas bancas de revista. Assuntos como a Tropicália surgem normalmente como parte de uma publicação destinada às artes, música pop, rock, MPB ou qualquer outra área de abrangência desse movimento. Nesse caso, por mais abrangente que seja, existe apenas um objeto: o tropicalismo.

2.3. AS MICROZINES

O caráter experimental desse trabalho e o antropofagismo do objeto escolhido como tema de análise, levaram a busca de possibilidades contemporâneas na construção de uma revista. Uma boa resposta – ao mesmo tempo uma saída abrangente – está no fenômeno conhecido como *microzine*. Sem fugir das medidas tradicionais das revistas ligadas a grandes corporações, as microzines também não têm pretensões de se ligar aos fanzines anticomerciais. Optando por um caminho que foge dos anúncios publicitários, essas publicações sobrevivem de patrocínios e também de seus altos preços.

Contudo, o que interessa aqui são as possibilidades que surgem dessas escolhas, as quais algumas são contempladas no texto *Ama-me, odeia-me* de Michael Jacovides, presente no livro *Novo Design de Revistas* de Jeremy Leslie. Algumas publicações como a *10* de Londres ou a parisiense *Self Service* permanecem extremamente conservadoras e priorizam a beleza das imagens que surgem completamente separadas dos textos. Os títulos das reportagens e das capas são sempre curtos. O resultado final prioriza o design minimalista e uma assinatura de quatro de 4 exemplares pode custar centenas de euros.

Outros exemplos têm maior importância para a construção da *Superflit*. Algumas dessas revistas, por exemplo, modificam completamente sua forma a cada

edição e foge das regras pré-existentes no que diz respeito à disposição e existência dos elementos gráficos, textuais ou não, e também nas direções e disposições e direções de leitura dos mesmos, o que é bastante utilizado nesse projeto.

Uma das desconstruções mais interessantes, citada no texto de Jacovides, é a do periódico *Mined* (Reino Unido), uma espécie de livro para ser lido como revista:

Ler um livro demora muito mais tempo do que uma revista e, com a *Mined*, o desafio foi introduzir uma velocidade de revista. Tem artigos temáticos que ocupam 20 páginas mas depois a velocidade se recupera com páginas duplas sobre moda. Mas depois é preciso cortar as páginas, o que torna a viagem mais longa que os dez minutos que demora desfolhar a *The Face*. (JACOVIDES, 2003, p. 17)

Influenciada pelas brincadeiras com o tradicional, aprontadas por algumas microzines como a *Mined*, a *Superflit* traz em seu conteúdo páginas somente com imagens, algumas reportagens, resenhas e até mesmo artigos extensos a cerca do tema. Tudo misturado com a intenção de compor uma leitura interessante e agradável, e ao mesmo tempo uma compreensão de parte da complexidade do tropicalismo.

3. DESCRIÇÃO DA SUPERFLIT

Para a capa, a primeira visão que se tem da revista, foi escolhida uma foto da obra *Tropicália*, de Helio Oiticica, na mostra Nova Objetividade Brasileira, 1967. Esta imagem está ali como uma brincadeira, já que se tratava de um penetrável e a posição da foto deitada – o certo seria na vertical – dá maior impressão de profundidade. Junto à imagem, somente o nome, do modo como foi defendido acima. Na sequência a mesma é repetida no expediente e reproduzida de diversas maneiras e comporta os nomes de todos que participaram da revista e colaboraram de alguma forma.

No editorial também aparece uma imagem de *Tropicália*, porém é uma foto tirada em Londres, mostra pessoas entrando no penetrável e representa o primeiro momento colorido, se for desconsiderado o nome *Superflit*. O texto tem como título somente o nome da revista e é uma curta apresentação do seu formato e opções de abordagem.

Na sequência, sem nenhuma marcação de página – a revista inteira é assim - o primeiro artigo: *Expressões Artísticas Nacionais: a Tropicália e o Contexto Social Brasileiro*, de Rafael Barbosa Chagas. O graduando de Ciências Sociais da UNB analisa o tropicalismo como uma manifestação de algo enraizado na formação social do Brasil e vai atrás de seus reflexos na mesma. Tem-se aqui uma pista de algo que se repete em toda a revista. As ilustrações de Chico. C permeiam os textos e imagens. Nesse caso: Caetano Veloso e Gilberto Gil, O Rei da Vela e João Cabral de Melo Neto. Aqui se percebe uma constante, as legendas das fotos, quando existem, não têm direcionamentos quanto aos temas – modo como é frequentemente utilizada em outras publicações.

Pela primeira vez surge o editorial de moda *Tropicalmente* de Giuliana Tancredi, estudante de Design de Moda da UFG. O editorial aparece ao longo de toda a revista, sempre separadamente, com cada foto ocupando uma página inteira, disposta verticalmente, contrariando a ordem da revista ou também na horizontal. As fotos refletem a contradição dos temas tropicais das roupas e a paisagem recheada de concreto, assunto frequente no tropicalismo. Dando atenção a um assunto frequentemente lembrado, porém pouco abordado em estudos Kunihi Suga, estudante

de Engenharia Elétrica da UFG, discorre sobre Cláudio César, terceiro irmão Baptista do grupo Os Mutantes no artigo *A revolução tecnológica (título fantasia)*. Ele responsável pela fabricação de alguns dos mais finos instrumentos da banda, de altíssimo nível tecnológico para a época, interferindo assim diretamente na história da Tropicália. As imagens mostram as criações do homem também conhecido como “Professor Pardal”.

“Nunca fomos catequizados. Fizemos foi carnaval.” Esta frase, impressa por cima de uma ilustração de Chico C, é como se fosse um *banner* que aparece no meio da revista, complementando o projeto editorial.

Em seguida, a resenha *Caetano e Os Mutantes são demais!* tem em seu título uma referência ao modo como eram chamados Os Mutantes. Escrito por Victor Creti, estudante de História (UFG), o texto analisa o compacto duplo *Caetano Veloso e Os Mutantes Ao Vivo*, de 1968, que tem arranjos de Rogério Duprat. Na abertura vem estampada a capa dessa bolachinha e uma foto deles juntos na Boate Sucata.

Linguagem Ambivalente na Tropicália, de Vinícius Vargas, que cursa o sétimo período de Letras na UFG, analisa os mais diversos nichos da linguagem tropicalista, que se caracteriza pela liberdade e trânsito nas mais diversas estéticas, às vezes até aparentemente conflituosas entre si. As ilustrações ressaltam o tema. Uma dessas devorações antropofágica se deu na televisão e virou tema do artigo *Divino, Maravilhoso: a TV como catalisadora do ideário tropicalista*, de Victor Creti. O graduando de História da UFG aparece mais uma vez na revista e agora trata da televisão como uma das principais ferramentas dos tropicalistas para dar projeção ao movimento. As fotos são do programa criado pelos integrantes da Tropicália e também do programa do Chacrinha. O apresentador ganha destaque, suas fotos não necessitam de legenda.

Com arte inspirada na capa do debute de Tom Zé, aparece a resenha *A maior das liquidações*, de Raisal Ramos. A aluna do terceiro período de Jornalismo da UFG resenha o primeiro disco de Tom Zé, lançado no auge da Tropicália. Sua análise parte relação do baiano com cidade de São Paulo, quase o conceito do álbum. *Depois daquele filme*, de Fausto Borges, aluno do sétimo período de Jornalismo da UFG, analisa o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, ressaltando a obra como

precursora do tropicalismo e influência direta para alguns dos mais importantes artistas do movimento.

Aprender a Nadar, de Caio Henrique Salgado. Graduando de Jornalismo resenha o disco que dá nome ao texto, de Jards Macalé. Lançado em 1974, o LP brinca com o modo de fazer disco depois de o tropicalismo ter sido declarado morto enquanto movimento. O contraste do azul com branco e cinza da capa é referência para a montagem dessas páginas ilustradas pela capa do disco e imagens dos seus autores.

A estética da contracultura na obra musical de Torquato Neto, de Vitor Hugo Abranche é produto da pesquisa que Vitor Hugo desenvolve no mestrado de História da UFG. Personagem da única entrevista presente em Superflit, Júlio Medaglia, maestro que participou do movimento Música Nova, no começo dos anos 60 e trabalhou com Caetano Veloso em 1968, arranjando a música Tropicália, que abre o disco do cantor baiano do mesmo ano. Na sequência, reproduzimos aqui o texto de Rodrigo Faour, pesquisador musical, impresso na contracapa do relançamento do disco *Recital na Boite Barroca*, de Maria Bethânia, 1968. A reedição em Cd, com o texto publicado na revista foi em 2006. Mais uma vez as páginas seguem os conceitos apresentados na capa do disco.

Única reportagem formal da revista *Esquecidos do rock tropical*, de Caio Henrique Salgado conta uma história quase desconhecida atualmente e que passou por grandes momentos da Tropicália. Aqui Caio escreve sobre a banda Os Brazões, sua trajetória, envolvimento com os principais artistas tropicalista e o disco que lançaram em 1969. O último artigo, *Teatro Oficina: devorador de mitos*, de Taiana Renata Martins, aluna do quinto período de Ciências Sociais da UFG, discorre sobre a peça *Rei da Vela*, de Oswald Andrade, que foi encenada em 1967 pelo Teatro Oficina, já no contexto tropicalista e acabou inspirando antropofagicamente o movimento. Na contracapa, mais uma intervenção de Henrique Monducci sobre ilustrações de Chico C.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final do produto acima exposto e debatido é uma revista que, apesar do uso de vários elementos tradicionais – a exemplo do editorial logo no começo, expediente, título, a própria disposição dos elementos nas páginas e muitas vezes o olho – existe uma clara desconstrução de diversos elementos. A falta de índice e, conseqüentemente paginação, juntamente com a mistura dos diferentes estilos textuais, ajudam a compor a aparência de “mosaico” pretendida na concepção deste projeto. As legendas no máximo indicam nomes e praticamente não direcionam os modos de olhar, integrando assim o conteúdo como mais um dos fragmentos.

Escolhidos através do interesses ou trabalhos já existentes dos colaboradores, a composição textual da *Superflit* chegou a um resultado quase anárquico e acaba abrangendo vários das inúmeras relações existentes no movimento tropicalista. Apesar de alguns problemas provenientes – talvez – da falta de experiência demonstrada pelos acadêmicos em alguns momentos, inclusive dos autores do projeto, a leitura da revista injeta conhecimento substancial em relação ao tema. Sem preocupar em ordem correta das informações, esse projeto experimental, ainda assim, consegue abarcar pistas do início da Tropicália, seu desenvolvimento, os temas, as cores, a abrangência, conseqüências e o seu reaproveitamento posterior.

Em relação às *microzines*, a referência é visível na composição dos elementos na revista. As ilustrações são muitas, porém estabelecem diálogo harmônico com o texto. Não há muita interferência no conteúdo escrito, o que comporta bem os artigos científicos e também as resenhas, reportagem e entrevista.

Em uma análise a partir dos objetivos propostos na introdução desse relatório tendo como base os resultados atingidos na produção da revista *Superflit*, um dos primeiros passos era uma abordagem diferenciada em relação à Tropicália. Nesse sentido, as escolhas em relação as colaborações se efetivou de forma satisfatória. Antes do fechamento do produto, já era possível constatar a participação de estudantes das mais diversas áreas do conhecimento. Essas visões acerca do tema parecem ter conseguido, apesar da aparência intencional de bagunça, expressar concepções diferenciadas acerca do tema e alguns de seus aspectos normalmente esquecidos.

Visualmente, o conceito da *Superflit* se encontra expresso principalmente através das cores das ilustrações de Chico C. é também um dos autores desse projeto. No que se trata às disposições visuais, os elementos gráficos, apesar de muitos em alguns momentos, não competem entre si e os espaços são respeitados, apesar da constante brincadeira da disposição horizontal em confronto à tradicional verticalidade (também utilizada aqui). Por último, na concepção desse produto, e na busca por maneiras mais livres de se produzir revistas, houve sucesso na descoberta da “ambivalência” presente nos conceitos amplos e livres das *microzines*, cujos ecos são perceptíveis aqui. Essa é talvez a maior referência estrutural deste projeto em questão.

5. BIBLIOGRAFIA

FAVARETTO, Celso. *Tropicália: Alegoria, alegria*. 3. ed. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ROCHA, Glauber. “Tropicalismo, antropologia, mito, ideograma” [1969], in *Revolução do cinema novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAMPOS, Augusto. *Balanço da bossa: antologia crítica da moderna música popular brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CONTIER, Arnaldo Daraya. *O movimento tropicalista e a revolução estética*. Cad. de Pós-Graduação em Educ., Arte e Hist. da Cult. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 135-159, 2003.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. 10. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1985.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

JACOVIDES, Michael. “Ama-me, odeia-me”. In Leslie, Jeremy. *Novo design de revistas*. Trad. Maria da Graça Pinhão. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.